

ENSINO DE LITERATURA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: A recepção do texto literário na sala de aula.

TEACHING LITERATURE AND AESTHETIC EXPERIENCE: The reception of literary text in the classroom.

LA ENSEÑANZA DE LA LITERATURA Y LA EXPERIENCIA ESTÉTICA: la recepción de textos literarios en el aula

Adriano Ricardo Silva Addams

Mestre em Letras (UFPE). Atualmente, é doutorando em Letras (UFPB) e professor formador na Secretaria de Educação de Caruaru-PE.

Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-6205-8932>

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Professor Associado 3 de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV-Mamanguape) e Professor Permanente do PPGL-UFPB (Campus I-João Pessoa) e do PPgEL-UFRN (Campus Natal). Doutor em Literatura e Cultura no PPGL da UFPB. Doutor em Ciências das Religiões no PPGCR da UFPB.

<https://orcid.org/0000-0001-7541-3377>

RESUMO

Por décadas os estudos literários no Ensino Médio têm ocupado um lugar de apêndice no processo de formação dos sujeitos leitores. O que constatamos, ainda, é que a Literatura enquanto experiência estética não é fomentada na escola e o texto literário é tido como chato e de difícil compreensão. O que se observa nesse fato é que o trabalho com a língua materna tem deixado uma lacuna grande no que se refere à leitura enquanto experiência estética. Quando se fala em Literatura na escola ainda nos deparamos com nomes de autores, obras, datas e publicação e na verdade o que se espera é que os estudantes se deixem conduzir pelas teias do texto literário de modo a ler o mundo através dos signos forjados no processo de sua construção, entendendo contextos, enredos e possibilidades. Assim, propomos com este trabalho uma reflexão sobre as práticas escolares de leitura literária no Ensino Médio como elemento inerente ao processo do ensino de língua materna, sobretudo no que se refere ao trabalho com a literatura em sala de aula enquanto experiência estética e não apenas para atender demandas oriundas de “avaliações” para ingresso no Ensino Superior. O nosso desafio é provocar uma revisão de práticas escolares que casem esses estudos com a Teoria do Efeito Estético provocada pela leitura do texto literário. É em ISER (2002) que buscamos o nosso principal fundamento, sobretudo quando ele nos suscita refletir que na leitura do texto literário o leitor entra no jogo do texto e é enredado pelo seu imaginário. Esta proposta se inscreve no eixo três: Teoria do Efeito Estético, Antropologia, Leitura e Ensino.

Palavras-chave: literatura; ensino; efeito estético; arte.

ABSTRACT

For decades, literary studies in high school have been an appendix in the process of training readers. What we also found is that Literature as an aesthetic experience is not promoted at school and literary text is considered boring and difficult to

understand. What can be observed in this fact is that working with the mother tongue has left a large gap in terms of reading as an aesthetic experience. When talking about Literature at school, we are still faced with names of authors, works, dates and publication and in fact what is expected is that students let themselves be led by the webs of the literary text in order to read the world through the signs forged in the process of its construction, understanding contexts, plots and possibilities. Thus, we propose with this work a reflection on school practices of literary reading in High School as an inherent element in the process of teaching the mother tongue, especially with regard to working with literature in the classroom as an aesthetic experience and not just for meet demands arising from “assessments” for admission to Higher Education. Our challenge is to provoke a review of school practices that match these studies with the Theory of the Aesthetic Effect provoked by the reading of the literary text. It is in ISER (2002) that we seek our main foundation, especially when it prompts us to reflect that in reading the literary text the reader enters the text game and is entangled by his imagination. This proposal is inscribed in axis three: Theory of Aesthetic Effect, Anthropology, Reading and Teaching.

Keywords: literature; teaching; aesthetic effect; art.

RESUMEN

Durante décadas, los estudios literarios en la educación secundaria han ocupado un lugar secundario en la formación de lectores. Aún observamos que la literatura como experiencia estética no se fomenta en las escuelas, y los textos literarios se consideran aburridos y difíciles de comprender. Esto revela una importante laguna en la enseñanza de la lengua materna en lo que respecta a la lectura como experiencia estética. Cuando se habla de literatura en la escuela, todavía nos encontramos con nombres de autores, obras, fechas y publicaciones, cuando en realidad, se espera que los estudiantes se dejen guiar por las complejidades de los textos literarios, leyendo el mundo a través de los signos forjados en su construcción, comprendiendo contextos, tramas y posibilidades. Por lo tanto, este trabajo propone una reflexión sobre las prácticas escolares de lectura literaria en la educación secundaria como un elemento inherente a la enseñanza de la lengua materna, especialmente en lo que respecta al uso de la literatura en el aula como una experiencia estética, y no simplemente para cumplir con las exigencias de las evaluaciones de ingreso a la universidad. Nuestro desafío es provocar una revisión de las prácticas escolares que combinen estos estudios con la Teoría del Efecto Estético provocado por la lectura de textos literarios. Es en ISER (2002) donde encontramos nuestra base principal, especialmente cuando nos invita a reflexionar que, al leer un texto literario, el lector entra en el juego del texto y queda atrapado por su imaginación.

Palabras clave: literatura; enseñanza; efecto estético; arte.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Percebe-se que, desde a década de setenta do século passado, o ensino de Língua Portuguesa tem sido fragmentado em Língua e Literatura o que remete a permanente discussão

sobre a necessidade de se repensar o ensino de Língua materna no país. De acordo com alguns autores, (CEREJA, 2003; COSSON, 2006), a razão de tal evento encontra sua fundamentação na LDB 5692/71, que compreende o ensino da língua materna meramente como “instrumento” de comunicação. Essa compreensão instrumentalista do ensino da Língua Materna, contribuiu para a separação dos estudos literários dos estudos de língua e com a ênfase que foi dada à variante culta da língua, as aulas de Português configuraram-se como espaço de estudos estruturais da língua, tendo a gramática com centro das atenções. O resultado disso foi a instituição de uma concepção “esquizofrênica”¹¹ de ensino de Língua Portuguesa que se fragmenta em Língua (Gramática), Literatura e Redação.

As consequências dessa concepção são observadas até hoje. Frutos desse modelo de ensino, professores de Língua Portuguesa ainda carregam, impregnada em sua prática, a velha ideia de que o professor de Língua é um e o de Literatura é outro, junto a isso, vem também o discurso das escolas particulares, que não só perpetua a fragmentação, como defende que essa é a maneira certa de se trabalhar a língua. Nesse movimento, o mais prejudicado, sem sombra de dúvidas, é o aluno, que lhe tem negado o direito de se compreender como leitor, e de conhecer os caminhos dos estudos literários.

Mas, infelizmente, essa concepção de língua é ainda bastante presente nos espaços escolares. Em realidades diferentes, com experiências de escolarização, condições de trabalho, experiências de formação inicial e continuada igualmente distintas, os professores estão nas salas de aula, desenvolvendo processos de transposição didática de “conteúdos” de literatura, cuja efetivação reclama uma análise que leve em consideração não somente a “os elementos oriundos da história da literatura”, vistos de forma isolada e desprezando o texto literário enquanto base substancial dos estudos de Literatura em sala de aula. Desconsiderando as peculiaridades do discurso literário, e colocando sobre este, informações históricas que reduzem os estudos de literatura a memorização.

As Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio ¹² (OCN), mais especificamente, as de Linguagens Códigos e suas Tecnologias, propõem um ensino que língua que possibilite o exercício da cidadania, a construção de indivíduos que participem ativamente das questões sociais vigentes, capazes de interagir nas mais diversas situações sociocomunicativas, e nesse contexto, inclui-se a capacidade de construir conhecimentos da sobre a literatura e da literatura.

¹¹ Irandé Antunes

¹²1.Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias./Secretária de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2006.

Nessa perspectiva caberia, então, à escola tornar o aluno capaz de interpretar e produzir diferentes textos que circulam socialmente, posicionando-se discursivamente diante dos mais diversos eventos comunicativos, por meio do exercício da criatividade e da imaginação. Para tanto, ter acesso aos gêneros literários de modo a saber identificar os aspectos que fazem desse texto uma manifestação artística do uso da língua, uma manifestação de gênero textual e de gênero discursivo, é o mínimo que se espera dos estudos literários no contexto do ensino de língua materna, nas situações comunicativas que o exigem. Deve ser assumido também pela escola como um dos seus principais papéis, tendo em vista que o não acesso a esse conhecimento afasta o aluno do prazer da leitura, garantir a igualdade de oportunidades em contextos comunicativos.

Mas ainda, pouco se tem produzido, nessa perspectiva de estudo, pois, como já dito, ainda se acredita que existe “aula” de Literatura e essa deve acontecer fora do contexto do ensino da Língua. Raramente alguns têm se debruçado sobre a questão do “Ensino” da Literatura como evento do ensino da Língua materna baseado no trabalho com o gêneros textuais, em especial os gêneros literários em sala de aula. Cereja(2003), Cosson(2006), Faria(2009), Lage(2001), Leahy-Dios(2001), Martins(2006), Pinheiro(2006), Suassuna (2006) são alguns nomes que aparecem neste percurso e são convidados a fundamentar a argumentação presente neste trabalho. Também buscamos fundamentos em estudiosos como Compagnon(2003), Culler(1999), Iser(2013) para se compreender os caminhos da teoria da literatura.

Além disso lançamos mão de documentos oficiais que regem o ensino de língua no estado de Pernambuco como a BCC/ PE (2007) de Língua Portuguesa e as Orientações Teórico Metodológicas para o Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio (2007), que tratam a Literatura como um dos eixos do trabalho com a língua materna, bem como outros estudos que surgirão ao longo do percurso da pesquisa.

Esses estudos procuraram refletir sobre os encaminhamentos teórico-metodológicos testemunhados ao longo dos últimos anos no que se refere ao lugar do texto literário na aula de Língua Portuguesa, no contexto do Ensino Médio e, conseqüentemente, contribuem para a resignificação de práticas de ensino que negam o uso artístico da língua presente nos gêneros literários e a importância da exploração desse aspecto no espaço da aula de Português, promovendo assim a formação de sujeitos literariamente letrados, ou seja, capazes de reconhecer, no horizonte do texto literário, as peculiaridades do uso das linguagens e sua capacidade de reescrever o mundo, não tentando imitá-lo, mas, recriando-o enquanto nova realidade. E no processo de criação de nova realidade, traça caminhos que precisam ser trilhados

pelo leitor de forma prazerosa e envolvente.

Adentramos nesse cenário de mudanças de paradigmas no ensino de língua, no contexto do ensino médio, em que se propõe a busca de um olhar mais acurado acerca do trabalho com a literatura nas salas de aula do Ensino Médio enquanto manifestação de uso da língua, e por sua vez, inserida na concepção de ensino de língua materna e da transposição didática proposta pelo o livro didático de português do Ensino Médio, e tendo como principal objetivo analisar o tratamento dado ao texto literário durante as aulas de Português nesse nível de ensino, a fim de verificar o processo de transposição didática, no tocante a aspectos da textualidade literária. Para compreendermos as práticas de “ensino” de Literatura e seus impactos em sala de aula, tomamos como eixo de discussão a teoria da transposição didática (Chevallard, 1991) que se preocupa em entender a transformação de objetos de conhecimento em objetos de ensino-aprendizagem.

Chevallard (1991) considera que na transformação do saber científico para o saber escolar, o último movimenta dois tipos de transposição: a externa, materializada nos textos do saber, denominada saber a ensinar, e a interna, materializada no momento em que o professor está em sala de aula, caracterizada como saber efetivamente ensinado.

No entanto, em relação à transposição ocorrida em sala de aula chamamos a atenção para o fato de que esse movimento não pode ser compreendido meramente como “transmissão”, como se a forma de apropriação dos saberes pelos professores se desse de forma linear, igual para todos os professores. Essa reflexão torna-se ainda mais significativa no processo de descrição da metodologia da pesquisa.

Diante desse fato, questionamos: O que leva a uma rede de ensino a manter, de forma unificada, uma prática dicotômica, que exclui os estudos literários dos estudos de língua? O que essa postura parece desvelar no que se refere às interrelações entre o papel da Literatura e a prática do professor, considerando aspectos como a “fabricação” do cotidiano da aula de língua portuguesa de cada docente, repleto de recriações, ressignificações e construção de saberes?

Portanto, essas questões fomentam o desenrolar desse debate, nessa instância da transposição didática, a partir da análise sobre os saberes de Literatura produzidos, transformados, apropriados, construídos, ressignificados, efetivamente ensinados na sala de aula e as repercussões na formação do aluno leitor para o qual toda essa discussão converge, constituindo-se, assim, nosso objeto de pesquisa.

Dessa forma, procuramos contribuir para a didatização do ensino de língua portuguesa no ensino médio, através da compreensão do processo de (re) construção da prática do professor de português, no eixo da Literatura, em um cenário de mudanças.

A LITERATURA E O TEXTO LITERÁRIO

Que é a Literatura?

Essa questão tem conduzido diversas discussões teóricas que se refletem diretamente no cotidiano do trabalho com o texto literário em sala de aula, visto que por muitos anos, o conceito de literatura foi confundido com o de texto literário e isso gerou uma má compreensão acerca do objeto dos estudos literários provocando equívocos em relação ao trabalho com o texto estético em sala de aula.

Segundo Compagnon(2003) “no sentido mais amplo, a literatura é tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém engloba todas as produções textuais escritas”. O termo literatura não se refere exclusivamente ao texto literário, como tem sido pregado nos espaços escolares e reforçado por conceitos apresentados em alguns livros didáticos do Ensino Médio. Ainda, segundo o autor

Identificar a literatura com o valor literário (os grandes escritores) é, ao mesmo tempo, negar (de fato e de direito) o valor do resto dos romances, dramas e poemas, e, de modo mais geral, de outros gêneros de verso e de prosa. Todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão.(COMPAGNON, 2003,p.33)

Compreendendo a literatura como conceito mais amplo, abre-se a discussão para os estudos literários em sala de aula. Visto que, o texto literário, sendo uma manifestação da língua, apresenta peculiaridades significativas acerca da apropriação dos mecanismos dessa língua para se constituir enquanto gênero textual e discursivo.

O texto literário é o foco central dos estudos (teóricos e críticos) literários e seus mecanismos de construção fornecem elementos que são os pontos chave desses estudos. Visto assim, o texto literário, renova a sensibilidade linguística dos leitores através de procedimentos que desarranjam as formas habituais e automáticas da sua percepção. Daí, para se trabalhar com o texto literário é preciso ter em mente que ele é uma produção textual de caráter subjetivo e que, ainda quando tratando da realidade, tem um olhar específico sobre esse aspecto, por vezes mais atraente que a forma como essa realidade é apresentada, de fato. Como afirma Perrone-Moisés(1990), “a literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer”.(p.102).

Com isso, o texto literário contribui para o despertar da criatividade do leitor, enquanto re-escritor do texto, visto que toda leitura implica numa re-escritura mental. Contudo, o trabalho com o texto em sala de aula, ainda está a serviço de imposições formais que não o tratam como motivador da leitura, um vez que é tratado de forma fragmentada e superficial

O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA, O (NÃO) LUGAR

Há anos os estudos de Literatura, na escola, têm sido confundidos com a exploração de aspectos históricos sobre a literatura (periodização, autores e obras), ou meramente a busca de características textuais que enquadrem o texto literário em um determinado estilo de época, quer dizer, reduz-se a presença do texto a mera exploração especulativa de características estruturais retiradas de fragmentos textuais, nunca se vendo a obra na íntegra. Isso está longe de se configurar em estudos literários. “A literatura(no ambiente escolar) é um lócus de conhecimento, e para que funcione como tal deve ser explorada de maneira adequada.” (COSSON, 2006) Para isso é necessário romper com a tradicional prática de ensino que trata os estudos literários como memorização mecânica dos fatos históricos referentes a produção literária, e da suposta análise de fragmentos de obras.

Não se pode negar a importância dos elementos históricos para o contexto das produções literárias, porém não se deve colocar o valor desses elementos sobre o texto, visto que a prioridade dos estudos literários deve ser o texto literário. É preciso dar espaço à análise literária, e, de acordo com Cosson(2006), “a análise literária, ao contrário(do que se tem posto em prática no ensino médio), toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda resposta do leitor, que o convida a penetrar na obra em diferentes aspectos”. Por essa via, trata-se o texto literário com o respeito que ele merece, passa-se a tê-lo como expressão artística do uso da língua, como de fato é, e o trabalho com ele em sala de aula, torna-se mais prazeroso. Como afirma Leahy-Dios (2001):

[...] é fundamental lembrar que a educação literária está imbricada no estudo da linguagem, esse constructo poderoso, “perigoso” e seletivo de conscientização. Educar pela literatura implica em refletir sobre a palavra como construção artística, com a consciência de a definição de arte é outro complexo ideológico sobre o que significa ser belo, bom, certo, historicamente relevante e ético-esteticamente duradouro. Educar pela literatura implica entender que a arte literária se situa em determinado momento no tempo e no espaço, carregando questões sociais, culturais, políticas e econômicas inevitáveis e preciosas.

É preciso perceber que o texto enquanto manifestação literária, é que vai fornecer os elementos necessários para construção do conhecimento acerca dos aspectos da literatura, através de sua linguagem e do seu discurso. Visto que, “O uso literário da língua é imaginário e estético, pois explora, sem fim prático, o material linguístico” (Compagnon, 2003). Essa compreensão permite que o trabalho com os gêneros literários em sala de aula rompa com a velha prática de ensino de literatura que enche os quadros com anotações acerca de elementos que, de fato, não compõem o objeto dos estudos literários como datas, relações de nomes de autores, características etc. Pois, como afirma Umberto Eco(2003) “as obras literárias nos

convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida.” De acordo com Martins (2006):

É necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade. Ao trabalhar com a leitura literária, o professor pode orientar os alunos para a função ideológica dos textos literários, na medida em que “antes de se transformar em discurso estático, subverter a ordem provável da língua para alcançar determinados efeitos de comunicação, a literatura ‘se alimenta’ na fonte de valores de cultura”¹³

Opondo-se a ideia trazida por Compagnon(2003), quando este afirma que a “*literatura explora o material linguístico sem fim prático*”, pois a partir do momento em que se cria um texto que venha a ser considerado uma manifestação literária já se identifica um fim prático do uso da língua, além disso, percebe-se atualmente uma apropriação de características oriundas da linguagem literária por outros gêneros textuais e discursivos que circulam no cotidiano das nossas vidas. Existem propagandas, por exemplo, que constituem narrativas com profundas características de texto literário, aspecto esse que se pode compreender pela ideia de intergenericidade, discutida por Koch (2006) quando chama a atenção para a hibridez dos gêneros textuais.

“ENSINO” DE LITERATURA, ENCONTROS E DESENCONTROS

“Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos são inseridos”
Lygia Chiappini

Um dos grandes desencontros acerca do trabalho com a literatura em sala de aula é a compreensão dos estudos literários como algo externo aos estudos de língua, outro é oriundo das famigeradas listas de livros paradidáticos que impõem uma relação de obras para leitura obrigatória. Esse tipo de prática desconsidera os aspectos que atravessam o processo de construção dos gêneros literários, enquanto manifestação do uso da língua, e a consequência não poderia ser diferente. Os estudantes tomam aversão à leitura (literária) e acabam se afastando mais das obras.

Para piorar esse cenário, os livros didáticos surgem com os terríveis resumos que reduzem a obra a um único olhar, negando, ao estudante, a liberdade de escolha e exploração

¹³ MARTINS apud Gonçalves Filho, 2006

dos aspectos textuais, e, claro, impedindo o exercício da criatividade na reconstrução textual. Quando, na verdade:

Ao longo da trajetória escolar, da educação infantil ao ensino médio, a leitura literária deveria ser mais valorizada como meio de o aluno desenvolver a criatividade e a imaginação na interação com textos que inauguram mundos possíveis, construídos com base na realidade empírica. (Martins, 2006)

Quer dizer, nas palavras de Riolfi (2008, p. 76)), “propor essa relação (de obras canônicas) nos dias atuais é no mínimo *demodé*, pois os valores mudaram e, com eles, a literatura”. Se formos consultar as relações dos livros mais lidos nos últimos anos, perceberemos que a clássica relação de livros, normalmente constantes nas listas de materiais didáticos apresentadas pelas escolas, está longe do gosto médio dos leitores, pois, o público leitor elege, como leituras favoritas, aquelas obras que são mais palatáveis e que se aproximam de seus universos pessoais. Basta consultar as relações de obras mais lidas nos últimos anos, sobretudo, entre adolescentes: Harry Potter, O senhor dos Anéis (Tolkien), Crepúsculo, Lua Nova, Amanhecer (Stephen Meyer), O código da Vinci, Anjos e Demônios (Dan Brown).

É claramente perceptível a opção pela leitura de *Best-sellers* normalmente de origem estrangeira, isto porque os jovens são altamente influenciados pela mídia. Contudo, os professores parecem não se darem conta disso, e acabam caindo no lugar comum de, antes do ano letivo começar, para cumprirem um dever mecânico, elegerem obras retiradas do cânone clássico para leitura obrigatória, e muitas vezes são obras desconhecidas por eles mesmos. Quer dizer, o clássico chega de forma impositiva até o estudante, é negado para o prazer da sedução, da descoberta do mundo trazido pelos clássicos da literatura brasileira. Isso tira a liberdade de escolha dos estudantes e faz com que eles passem a ter aversão leitura dos clássicos da literatura, uma vez que essas obras chegam às suas mãos sem fazerem muito sentido e sob a imposição do vestibular. De acordo com Cosson (2006):

Aceitar a existência de um cânone como herança cultural que precisa ser trabalhada não implica prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias. Assim como a adoção de obras contemporâneas não pode levar a perda da historicidade da língua e da cultura. É por isso que ao lado do princípio positivo da atualidade das obras é preciso entender a literatura para além de um conjunto de obras valorizadas pelo capital cultural de um país.

Contudo, não se defende a desvalorização do clássico nacional em relação aos *Best-sellers*, mas de não impô-lo ao estudante, visto que essa imposição é o que tem contribuído para a falta de interesse pela leitura desses clássicos da literatura, já que são selecionadas de forma mecânica para preencherem listas de materiais didáticos e que, conseqüentemente, não serão lidos. No máximo darão lugar aos terríveis e reducionistas “resumos”. E isso é claramente

percebido quando alunos chegam e lançam aquela tradicional pergunta: “Professor, quando o senhor vai trazer o resumo de tal obra? Quer dizer, existe “BIZU” até para o texto literário.

É importante ressaltar que o professor de Língua Portuguesa, antes de escolher as obras a serem lidas pelos estudantes, precisa ter consciência que essa é uma atitude democrática e deve ser feita juntamente com os alunos, a partir de debates que demonstrem a importância da leitura de tais obras. É necessário que esse professor trabalhe os gêneros literários no cotidiano das aulas, aproximando os estudantes ao estilo, motivando-os à leitura, por meio de conversas que seduzam à descoberta dos mistérios trazidos pelo texto literário, presentes em sua construção e em seus enredos. É preciso ter respeito pelo texto literário, e isso implica em não tratá-lo como prescrição, como normalmente se percebe no cotidiano das escolas, sobretudo nas da rede particular que retiram os estudos literários de dentro dos estudos de língua, desconsiderando a literatura enquanto manifestação do uso da língua. Como se o professor de Literatura fosse um sujeito deslocado do contexto da língua e como se a Literatura fosse uma disciplina a mais no currículo. Essa concepção positivista e fragmentada é herança de décadas e encontra seu reforço na LDB 5692/71, que contribui para a fragmentação do ensino de língua portuguesa em Língua e Literatura, reduzindo as aulas de língua ao trabalho mecânico e estrutural dos componentes da gramática normativa e retirando do centro da discussão a preocupação com a produção textual, criando a “aula” de Literatura. O efeito disso é o que se testemunha no cotidiano das salas de aula do Ensino Médio:

interpretações canônicas incrustadas na crítica, seja teórica ou historiográfica, que, saindo da academia, cristalizam-se no interior dos muros escolares e são tomadas como certezas inabaláveis que substituem a leitura do próprio texto literário. Se em língua o foco do ensino foi por muito tempo a metalinguagem, em literatura, praticávamos a metaliteratura. A ausência de uma prática de leituras literárias promovia mais ainda as interpretações canônicas e impedia, na prática, leituras arejadas que pudessem questionar o universo crítico canônico. (FARIA, 2009. p. 03)

Isso porque, muitos dos professores, que se encontram no mercado atualmente, ainda são oriundos dessa perspectiva, e acabam contribuindo com o perpetuar do erro acerca do trabalho com o texto literário na escola. Mesmo sabendo que no contexto da nova LDB 9394/96, os estudos de língua não aparecerem fragmentados dos estudos literários, visto que a literatura é uma manifestação do uso da língua, e por isso, precisa ser compreendida como tal. O texto literário é mais uma forma de compreender o uso da língua, um recurso ao estudo dos gêneros textuais e uma maneira de propor um novo olhar sobre o mundo. Para isso, a aula de Língua Portuguesa precisa ser vista como o espaço privilegiado para o debate sobre as manifestações literárias, rompendo com a ideia de aula de Literatura, pois “aula” de Literatura não existe. Não se ensina Literatura, debate-se sobre Literatura, exploram-se os gêneros literários em busca da

identificação das peculiaridades que atravessam o uso da língua no contexto literário e as apropriações de sua linguagem por outros gêneros, ensina-se língua e por meio disso constrói-se um conhecimento acerca da literatura, a partir do que é fornecido pela própria literatura enquanto manifestação linguística. Pois, se os textos literários são manifestações de uso da língua, então, por que não compreendê-los assim? Por que tratá-los como receitas prescritas para solução de um problema? Por que sempre colocar o texto literário a serviço das avaliações externas ou processos seletivos? Por que dar “aula” de Literatura? A linguagem literária é subjetiva. Literatura é arte, e arte não se ensina, descobre-se.

LETRANDO PARA O PRAZER LITERÁRIO

Segundo Barthes (2002) no prazer da leitura duas margens são traçadas:

uma margem sensata, conforme plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura), e uma outra margem, móvel, vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca é mais do que o lugar de seu efeito: lá onde se entrevê a morte da linguagem.

Parafraseando o autor, o compromisso encenado por essas margens corresponde ao instante insustentável, impossível, puramente romanesco que o leitor degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende no momento que goza, assim é o prazer do texto. Algo inusitado e que para ser sentido é preciso que haja uma entrega a esse texto.

Porém, no atual contexto dos estudos literários nas salas de aula do Ensino Médio, esse prazer é manipulado por imposições que tratam o texto literário como um elemento externo a língua, como algo que não tem espaço nas aulas de Língua Portuguesa, e que precisa de uma profunda abordagem histórica para ser compreendido. Daí, de onde vem as aulas de “História” da Literatura, ressaltando autores, datas, nomes de obra, que não fazem o menor sentido ao estudante. São aprendizagens sobre a Literatura. A aprendizagem da Literatura consiste em experienciar o mundo por meio das palavras, quer dizer, antes, trata-se de uma aprendizagem da língua para poder se possibilitar essa experiência por meio das palavras. Retirar a Literatura de dentro das aulas de Língua Portuguesa, é uma prática “esquizofrênica”¹⁴ que compromete, no aluno, a compreensão dos gêneros literários enquanto parte do cabedal de gêneros da língua, e faz com que esse aluno passe a ver a Literatura como uma disciplina escolar difícil, que vai contar a história da vida dos autores e obrigá-lo a ler obras chatas, de linguagem complexa, e que estão distantes de seu mundo.

¹⁴ Irandé Antunes

A “aula” de Literatura no Ensino Médio tem trabalhado para a formação de pessoas que não têm o menor interesse para os estudos literários. O fato curioso, é que, parte dessas pessoas são leitoras habituais, lidam com os gêneros literários cotidianamente, mas não se sentem atraídas pela “aula” de Literatura, pois é morosa, entediante e com um monte de dados para decorar.

Ao contrário, trabalhando-se a literatura tratando-a como gênero textual pertencente aos estudos de língua, além de promover o encontro prazeroso entre aluno e texto, abre-se espaço para a exploração de outras manifestações de gêneros textuais que servem de apoio ao desenvolvimento do hábito de leitura, pois, como afirma Cosson (2006)

Quando queremos ler uma obra literária podemos ir a uma biblioteca ou a uma livraria e escolher o título, o autor ou o assunto que mais nos apraz. Se tivermos dúvidas quanto ao texto que queremos ler, podemos, ainda, consultar as resenhas dos jornais e das revistas, ouvir os amigos que já leram aquela obra, checar a propaganda sobre os lançamentos e consultar as listas de mais vendidos

Quer dizer, quando despertados ao prazer da leitura literária, o aluno passa a ter autonomia para fazer suas próprias escolhas, e nesse processo, busca outros gêneros que o ajudem a descobrir-se enquanto leitor. Ou seja, nessa perspectiva, a Literatura em sala de aula renasce como elemento prazeroso e contribui para a formação do aluno leitor.

Mas, mesmo diante disso, muitos sistemas de ensino, mantém a tradição separatista entre Língua e Literatura. Até mesmo os livros didáticos enfatizam essa fragmentação. Por que isso ocorre? Se muitos documentos oficiais já tratam essa perspectiva como obsoleta e ultrapassada.

Desde o surgimento dos PCN e o evento da organização das disciplinas escolares em áreas de conhecimento, da qual surgiu o eixo das Linguagens, códigos e suas tecnologias, e com base nas OCNs do Ensino Médio, que se fala em não separar Literatura de Língua Portuguesa, contudo o “mal” se perpetua, e proliferam-se as supostas “aulas” de Literatura em cursinhos e em escolas de Ensino Médio que ao invés de promover a descoberta do texto literário, contribuem para o desinteresse pelos estudos literários. Uma vez que a preocupação é meramente “vestibulesca”. Mas, qual o papel do professor nesse contexto?

NOVOS OLHARES, VELHAS PRÁTICAS

Segundo Faria (2009), o saber docente caracteriza-se por ser plural, heterogêneo e constituído a partir de uma relação temporal, na medida em que se originam de diversas fontes. Deste modo, compreende-se que, nessa concepção, entra em jogo o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições formadoras em todas as etapas de sua escolarização, desde a

educação básica até a formação profissional.

Como já fora dito, a maioria dos professores que se encontram no mercado de trabalho são oriundos da fragmentação entre Língua e Literatura. Tem-se testemunhado depoimentos do tipo: “Em gramática eu me dou muito bem, mas com Literatura eu não me identifico”. Isso demonstra o quão precário é o trabalho com o texto em sala de aula. Pela fala registrada, percebe-se que o texto não está presente nos estudos de língua materna, ainda predomina a concepção estruturalista da língua que elege a memorização de regras da gramática normativa como foco principal dos estudos. Isso é resultado do que se testemunhou ao longo dos anos enquanto alunos, e professores em formação. Foi assim que foram ensinados, e essa foi a tradição cultural que construíram, porém é preciso saber que não é essa que devem perpetuar.

Outra dificuldade identificada para os estudos de Literatura, no Ensino Médio, é a falta do hábito de leitura dos professores. Por causa da excessiva abordagem estrutural da o funcionamento da língua, muitos professores acomodaram-se nessa e abandonaram a leitura por, supostamente, não ser necessária ao trabalho com a língua.

Também, a desvalorização da profissão que provocou o excesso de trabalho, diminuindo assim o tempo para estudo e para a pesquisa, acabou condicionando o professor às supostas verdades apresentadas pelos livros didáticos. A sobrecarga de compromissos fez com que o professor limitasse sua leitura às páginas do livro que é trabalhado em sua disciplina. Porém, de acordo com a BCC/ PE (2006) de Língua Portuguesa:

É esperado, ainda, que a língua seja percebida como uma forma de atuação social pela qual as pessoas intervêm, nas mais diversas situações do dia-a-dia, com o intuito de realizar alguma ação. Nesse sentido, falar e escutar, escrever e ler são sempre “atos”, ou atividades, ou formas de alguém atuar, agir, “fazer” algo em algum contexto social. Quer dizer, a língua é uma atuação funcional isto é, acontece para atender às diferentes intenções dos interlocutores, não tendo, assim, pleno sentido senão em função dessas intenções. Dessa forma, a língua somente poderá ser entendida como uma atuação contextualizada e historicamente situada; sempre inserida numa situação particular de interação e, portanto, nunca inteiramente despregada das condições concretas de uma determinada prática social, não podendo, assim, ser avaliada senão em situação. (BCC/PE, 2006)

Isso exige do professor de língua materna uma nova postura frente aos estudos de língua e literatura e pois o esse documento só reforça que não se deve separar a Literatura da Língua, uma vez que, ensinar língua é possibilitar a compreensão das diversas manifestações de gêneros textuais e discursivos, e nesse contexto se inserem os gêneros literários. É também com base nisso, que se afirma que não existe “aula” de Literatura já que os gêneros são materializações da língua em uso, por isso, devem ser estudados nesse contexto.

Mas, nesse novo cenário que se desenha, espera-se do professor atitudes que colaborem com os alunos na (re)construção de interpretações do texto literário e não apenas apresente

leituras prontas, que se resumam a responder as famigeradas fichas de literatura. Espera-se também, que ele seja capaz de reconhecer os níveis de leitura, o do aluno que está construindo a interpretação a partir do seu contato com o texto e o da sua própria leitura, no qual entram fatores mais complexos como o saber linguístico e os conhecimentos de teoria da literatura e da crítica literária.

Nesse contexto, as sequências didáticas, que são oriundas dos estudos de língua, contribuem significativamente para um trabalho contextualizado e interdisciplinar, e que reconhece o aluno como ator de sua própria história.

AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E A LITERATURA NA SALA DE AULA

As sequências didáticas surgiram na área do ensino de língua materna, a partir da Teoria dos Gêneros Textuais (Bronckart, 2006) com a questão da comunicação sendo colocada como o centro do ensino de língua, em detrimento do ensino exclusivo da gramática (Schneuwly e Dolz, 1999, 2004). Aqui no Brasil, por volta de 1990.

Na área de Língua Portuguesa, as sequências são elaboradas tendo como eixo o contato com os vários gêneros de textos, que são vistos mais de uma vez ao longo da escolaridade do aprendiz. Por isso se diz que ela se dá num movimento em espiral.

Com base no que está posto nas OCNs, na BCC-PE e nas OTMs, pensa-se as sequências didáticas tomando o gênero literário como o eixo norteador e a partir dele envolve-se a compreensão textual, análise linguística e reflexão sobre a língua, estudo do gênero, produção de texto, revisão e re-escrita.

No trabalho com as sequências didáticas:

Os temas serão baseados em princípios que levam em conta o que os estudantes conhecem; a estruturação lógica e sequencial dos conteúdos, facilitadora da aprendizagem; o sentido de funcionalidade do que aprender; a memorização compreensiva das informações e a avaliação do processo durante toda a aprendizagem. Além disso, o processo didático pedagógico deve ser orientado do modo a garantir a interpretação e construção do significado dos temas, a partir da problematização do que é dado (Delizoicov, Angotti e Pernambuco, 2002)

Deste modo, os módulos de ensino se caracterizam por se constituírem de atividades que satisfazem as necessidades de informação do tema em discussão. As atividades, de acordo com a sequência didática, são desenvolvidas, utilizando várias estratégias como trabalhos em grupo, análise de filmes, desenvolvimento de atividades experimentais. Essa prática, desperta, no aluno, a capacidade de participar ativamente da construção do conhecimento em sala de aula.

O que é necessário é pensar na elaboração de sequências como modelos didáticos que vão de encontro à fragmentação do ensino de Língua e Literatura, e que, sobretudo, servem de

orientação metodológica para um trabalho interdisciplinar junto ao professor e para o aluno. O que torna o espaço de sala de aula algo mais agradável e motivador já que para quem está aprendendo, estudar os conteúdos de forma integrada, confere mais sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que buscamos com esse trabalho é evidenciar que a fragmentação entre ensino de língua e literatura, tão comum desde a década de setenta do século passado remete a permanente discussão sobre a necessidade de se repensar o ensino de Língua materna no país.

De acordo com os autores convidados ao debate, como (Cereja, 2003; Cosson, 2006), a razão de tal evento encontra sua fundamentação na LDB 5692/71, que compreende o ensino da língua materna meramente como “instrumento” de comunicação. Essa compreensão instrumentalista do ensino da Língua Materna, contribuiu para a separação dos estudos literários dos estudos de língua e com a ênfase que foi dada à variante culta da língua, as aulas de Português configuraram-se como espaço de estudos estruturais da língua, tendo a gramática com centro das atenções. O resultado disso foi a instituição de uma concepção “esquizofrênica”¹⁵ de ensino de Língua Portuguesa que se fragmenta em Língua (Gramática), Literatura e Redação.

A nossa proposta é romper com essa concepção observada até hoje, fruto desse modelo de ensino em que professores de Língua Portuguesa ainda carregam impregnada em sua prática, a velha ideia de que o professor de Língua é um e o de Literatura é outro, o que reverbera no aluno, quando lhe tem negado o direito de se compreender como leitor, e de conhecer os caminhos dos estudos literários.

Infelizmente, essa concepção de língua é ainda bastante presente nos espaços escolares. Em realidades diferentes, com experiências de escolarização, condições de trabalho, experiências de formação inicial e continuada igualmente distintas, os professores estão nas salas de aula, desenvolvendo processos de transposição didática de “conteúdos” de literatura, cuja efetivação reclama uma análise que leve em consideração não somente a “os elementos oriundos da história da literatura”, vistos de forma isolada e desprezando o texto literário enquanto base substancial dos estudos de Literatura em sala de aula. Desconsiderando as peculiaridades do discurso literário, e colocando sobre este, informações históricas que reduzem os estudos de literatura a memorização.

¹⁵ Irandé Antunes

As Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio¹⁶ (OCN), mais especificamente, as de Linguagens Códigos e suas Tecnologias, propõem um ensino que língua que possibilite o exercício da cidadania, a construção de indivíduos que participem ativamente das questões sociais vigentes, capazes de interagir nas mais diversas situações sociocomunicativas, e nesse contexto, inclui-se a capacidade de construir conhecimentos da sobre a literatura e da literatura.

Nessa perspectiva, caberia, então, à escola tornar o aluno capaz de interpretar e produzir diferentes textos que circulam socialmente, posicionando-se discursivamente diante dos mais diversos eventos comunicativos, por meio do exercício da criatividade e da imaginação. Para tanto, ter acesso aos gêneros literários de modo a saber identificar os aspectos que fazem desse texto uma manifestação artística do uso da língua, uma manifestação de gênero textual e de gênero discursivo, é o mínimo que se espera dos estudos literários no contexto do ensino de língua materna, nas situações comunicativas que o exigem. Deve ser assumido também pela escola como um dos seus principais papéis, tendo em vista que o não acesso a esse conhecimento afasta o aluno do prazer da leitura, garantir a igualdade de oportunidades em contextos comunicativos.

Mas ainda, pouco se tem produzido, nessa perspectiva de estudo, pois, como já dito, acredita-se que existe “aula” de Literatura e essa deve acontecer fora do contexto do ensino da Língua.

Como já prenunciamos, poucos pesquisadores têm se debruçado sobre a questão do “Ensino” da Literatura como evento do ensino da Língua materna baseado no trabalho com os gêneros textuais, em especial os gêneros literários em sala de aula. Cereja(2003), Cosson(2006), Faria(2009), Lage(2001), Leahy-Dios(2001), Martins(2006), PINHEIRO(2006), SUASSUNA (2006) foram os convidados a fundamentar a argumentação presente neste trabalho em diálogo com Compagnon(2003), CULLER(1999), Iser(2013), para se compreender os caminhos da teoria da literatura.

Além disso lançamos mão de documentos oficiais que regem o ensino de língua no estado de Pernambuco como a BCC/ PE (2007) de Língua Portuguesa e as Orientações Teórico Metodológicas para o Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio (2007), que tratam a Literatura como um dos eixos do trabalho com a língua materna, bem como outros estudos que surgirão ao longo do percurso da pesquisa.

Esses estudos procuraram refletir sobre os encaminhamentos teórico-metodológicos

¹⁶1.Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias./Secretária de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2006.

testemunhados ao longo dos últimos anos no que se refere ao lugar do texto literário na aula de Língua Portuguesa, no contexto do Ensino Médio e, conseqüentemente, contribuem para a ressignificação de práticas de ensino que negam o uso artístico da língua presente nos gêneros literários e a importância da exploração desse aspecto no espaço da aula de Português, promovendo assim a formação de sujeitos literariamente letrados, ou seja, capazes de reconhecer, no horizonte do texto literário, as peculiaridades do uso das linguagens e sua capacidade de reescrever o mundo, não tentando imitá-lo, mas, recriando-o enquanto nova realidade. E no processo de criação de nova realidade, traça caminhos que precisam ser trilhados pelo leitor de forma prazerosa e envolvente.

Diante desse fato, deixamos abertos os seguintes questionamentos: O que leva a uma rede de ensino a manter, de forma unificada, uma prática dicotômica, que exclui os estudos literários dos estudos de língua? O que essa postura parece desvelar no que se refere às interrelações entre o papel da Literatura e a prática do professor, considerando aspectos como a “fabricação” do cotidiano da aula de língua portuguesa de cada docente, repleto de recriações, ressignificações e construção de saberes?

Dessa forma, procuramos contribuir para a didatização do ensino de língua portuguesa no ensino médio, através da compreensão do processo de (re) construção da prática do professor de português, no eixo da Literatura, em um cenário de constantes mudanças.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de Português: discurso e saberes escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Ensino de língua e contextos teóricos metodológicos**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Ana Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BUNZEN, Clécio & MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**: ensaios. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

Geraldi, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: *O texto na sala de aula*. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2002.

KOCH. Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LEAHY-DIOS, Cyana e LAGE, Cláudia. **Língua e literatura**: questão de educação? São Paulo: Papyrus, 2001

MENDONÇA, Márcia. Análise lingüística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In. BUNZEN, Clécio & MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Leitura, produção de textos e a escola. 3ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivanhinha**: ensaios. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Atlântica, 2000.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa**: uma abordagem pragmática. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1999.